



FOLHA INFORMATIVA 16 – 2017 – Agosto

CULTURA E ETNOGRAFIA NA GLÓRIA DO RIBATEJO



Esta Folha reporta duas exposições que ocorrem na Glória do Ribatejo, inauguradas em 19 de Agosto de 2017, e dedicadas aos trajes campestres e aos bordados que as mulheres glorianas bordaram ao longo de gerações. Uma prestigiada associação cultural local, a do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Glória do Ribatejo, apresentou estes temas em duas magníficas exposições, que correspondem a pesquisas muito cuidadosas que fizeram durante décadas, e que agora lá estão expostas para quem quiser conhecer aspectos marcantes da vida daquela comunidade emblemática da região do Tejo e também no panorama da cultura nacional, dizemo-lo sem qualquer ponta de exagero. Pudemos constatar, *ao vivo*, algo de importante que está a acontecer fora dos tradicionais grandes centros “emissores de cultura”. O que ocorreu nessas duas exposições é agora apresentado.

ÍNDICE

- | | | |
|----|--|---|
| 1. | AS DUAS EXPOSIÇÕES ETNOGRÁFICAS DA GLÓRIA DO RIBATEJO..... | 2 |
| 2. | ANEXOS (TRAJES TRADICIONAIS E LENÇOS DE NAMORADOS) | 8 |

AS DUAS EXPOSIÇÕES ETNOGRÁFICAS DA GLÓRIA DO RIBATEJO

"No concelho de Salvaterra de Magos, por aquela estrada cabisbaixa, que une Marinhas a Coruche, está a Glória. Não conheço, em todo o Ribatejo percorrido, aldeia que irradie mais simpatia por atributo próprio".

Alves Redol

Apontamento de história

Pode consultar-se na Wikipédia que “a origem da Glória do Ribatejo remonta ao século XIV, quando o Rei D. Pedro I manda edificar em 1362 uma igreja, como demonstra a lápide medieval ainda hoje presente na fachada deste templo. Em 1364, o mesmo monarca concede-lhe uma carta de privilégios, com enormes isenções e liberdades, com o intuito de facilitar o povoamento desta nova localidade. Vivendo essencialmente da agricultura, pastorícia e outras actividades mais rudimentares, a Glória do Ribatejo desenvolveu uma cultura muito peculiar que a diferenciou das restantes freguesias do concelho [de Salvaterra de Magos].

Com uma identificação cultural muito marcante, construída no dia-a-dia desta população, ainda hoje é possível observar nesta povoação costumes ancestrais. Uma das razões apontadas para a preservação destes valores prende-se com a endogamia. No passado, ao evitar casamentos com outras pessoas de outras localidades, este povo conservou genuinamente os usos e costumes dos seus antepassados.

Apesar de ser assediada por outros valores, a Glória do Ribatejo soube sempre respeitar a sua identidade cultural, motivo pelo qual esta vila ainda hoje se orgulha de respirar tradição”¹.

Apresentação das exposições



Apresentação pública, ainda no exterior

¹ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gl%C3%B3ria_do_Ribatejo. Acedido em: 23-08-2017.

O que ocorre neste espaço é um conjunto de duas exposições organizadas pela *Associação do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Glória do Ribatejo*, uma dedicada aos trajes tradicionais e outra dedicada aos lenços de namorados. Tanto uma como outra são referentes aos usos e costumes da Glória do Ribatejo.

Tivemos por bem ouvir uma das principais dinamizadoras do evento, a Dra. Rita Pote, nossa *Confrade do Tejo* e membro dos órgãos sociais da Confraria Ibérica do Tejo.

Falámos com a nossa distinta amiga e a primeira conclusão que tiramos é que o trabalho que se tem desenvolvido na Glória do Ribatejo nestas áreas da etnografia, do folclore e da cultura locais é o resultado de um esforço colectivo voluntário que envolve as mais de 60 (sessenta) pessoas que integram a Associação. A Rita corporiza esse espírito de conjunto e dá a cara e a voz ao evento (aos eventos) mas sabemos que por detrás dela está uma organização pacientemente montada e mantida ao longo de décadas de dedicação, que nunca é de mais evidenciar com muito gosto, porque o valor deve ser atribuído a quem o tem e o merece. Mais do que a uma pessoa, fica-nos um sentimento de gratidão para com um colectivo que merece ser destacado com muita justiça.

Ouçamos a Rita:

Os corações bordados

“Temos duas exposições, uma exterior e outra interior. O modelo da exposição exterior é inspirado nas bandeiras tradicionais da *Festa da Glória*, e o que ela contém é um conjunto de 35 corações marcados a ponto-de-cruz, com as cores tradicionais que são aqui o encarnado e o azul – as cores do sagrado – todos eles diferentes, e que se encontram sobretudo nos lenços de namorados ou em outras peças de artesanato.



Foi feito um levantamento de centenas de peças, num estudo muito exaustivo, pelo que a exposição dos 35 elementos representa apenas uma pequena parte do espólio existente e que está catalogado e estudado por nós. O que têm de interessante é que não são simples corações de um artesanato singelo, que transmita uma mensagem simples de amor, porque é muito mais do que isso. Os motivos bordados falam da espiritualidade de um povo que encara a relação entre um homem e uma mulher como algo que entra no domínio do sagrado, daí

resultando que os corações estejam sempre associados ao sagrado. Aí vamos encontrar fortes simbologias como as cruzes, a custódia e outros elementos relevantes.

As cores referidas, o encarnado e o azul – as cores do sagrado – reportam ao final do século XIX e princípio do século XX, sendo que nas décadas de 40 e 50 as cores começaram a multiplicar-se e a aparecerem tonalidades muito vivas e diversas. Apareceram igualmente outros componentes como elementos florais.



Exposição exterior de 35 pendões com corações tradicionais da Glória do Ribatejo

O que se pode concluir sobre estes elementos é que se trata de um património que apresenta uma imagética e uma simbologia extraordinárias, que ultrapassa a simplicidade com que as manifestações populares tantas vezes se nos apresentam. Daí poder-se falar de uma espiritualidade profunda que vai para além do sensível e também por vezes do inteligível. Tem que ver com a natureza humana e com as condições muito particulares aqui existentes na Glória, com aquilo que ultrapassa a nossa vida rotineira do quotidiano. Nota-se igualmente de uma forma muito intensa a presença e a sensibilidade “da mão e da cabeça” da mulher, em que toda a imagética presente nos remete para o feminino, porque toda a cultura gloriiana passa, não tanto por formas de matriarcado mas, se se quiser, pela matrifocalidade².

² “Matrifocalidade é um conceito que qualifica um grupo doméstico centrado na mãe, estando o pai frequentemente ausente ou detendo apenas um papel secundário (...) Na família matrifocal... a mãe é a figura estável, a maioria dos contactos dos membros da família realiza-se com parentes matrilineares e as mulheres têm o poder de decidir sobre as crianças e a casa (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Matrifocalidade>). Acedido em: 23-08-2017.

Trata-se de uma comunidade que durante muito tempo foi fechada sobre si própria, monogâmica, na qual os casamentos fora dela estiveram interditos durante muito tempo, permitindo assim criar uma forte cultura identitária.



Tudo se pode explicar e compreender de uma forma muito simples: *a mulher pensa, a mulher executa, mas o homem é que autoriza*. É assim que funciona, ainda hoje. A mulher pensa e mentalmente já decidiu mas não age sem primeiro ter a autorização do marido. Ela “faz de conta” que é ele que decide, mas não é bem assim. O equilíbrio familiar é conquistado desta maneira. Podemos concluir que estas práticas familiares revelam o respeito que a mulher tem para com o marido, e não subserviência como por vezes se confunde ou procura confundir.

Hoje, o *respeito* está arredado das práticas sociais e das nossas comunidades mas aqui vivia-se com muita dignidade nas relações familiares e, por isso, também nas relações sociais.

Nas coisas do dia-a-dia da gestão da casa, o comprar uma coisa, arrumar outra, manter tudo limpo e asseado, decidir do casamento de um filho ou de uma filha... o que seja, aqui na Glória quem pensava em tudo isso eram (e são) as mulheres.

No entanto elas não faziam nada sem os maridos saberem, ou seja, sem darem o *sim*, fazendo ouvir a sua voz, mesmo que tudo já estivesse em vias de estar resolvido. Neste jogo em que o homem sabe como as coisas funcionam, e ela muito melhor do que ele, há um respeito imenso entre o casal, mas principalmente da parte da mulher”.

O traje feminino glorião

“No interior encontra-se a exposição de trajes femininos que foram apresentados num conjunto de bonecas adquiridas para o efeito. Os trajes das mulheres, no caso da Glória do Ribatejo, têm muito mais interesse do que os dos homens, o que não constitui uma novidade. Os trajes das mulheres têm sido por tradição mais ricamente ornados do que os trajes dos homens, havendo muito mais variedade de formas e de padrões, assim como de criatividade. O que aqui se pode apreciar é um conjunto de 16 bonecas que pretendem espelhar as diversas situações em que o traje feminino glorião se apresentava e evoluiu, nas suas várias

funcionalidades, seja no dia-a-dia (a que chamamos o traje de semana), seja em trajes domingueiros e de segunda-feira, seja em trajes de festas, de noivas, de viuvez, de sentimento ou estado de espírito, de luto...

Por exemplo os homens, quando iam para a guerra, deixavam as mulheres, as namoradas, as mães, as irmãs e, consoante a proximidade familiar ou afectiva assim elas manifestavam os seus sentimentos. Os familiares muito próximos como as mães e as irmãs vestiam-se de roxo – que é uma tonalidade de branco e preto – pelo tempo que durava a ausência do ente querido e em que, pela cor do traje, mostravam que “estavam de sentimento” pela ausência de um ente muito chegado. Só deixavam de usar essas cores quando ele regressasse.



Traje Roxo

Características deste modelo (décadas de 1920, 30 e 40):

Usado por quase todas as gerações até à década de 1980, servia para aliviar luto ou por morte de avós, tios e primos em 1º grau.

Tudo isto dá conta de uma extraordinária riqueza cultural e espiritual desta comunidade, que se manifesta nos tipos de traje que as mulheres usam. Por exemplo, os trajes de festa são extraordinariamente trabalhados, com pormenores preciosos de manufactura, de uma paciência infinita e de um imenso bom gosto em as pessoas se apresentarem bem. Muitos deles são trabalhos de minúcia, que contrastam com os de outras províncias – como no Minho, que privilegia a vistosidade – a favor da perfeição do pormenor. Tudo é muito

pacientemente feito, como se o tempo não contasse, mas antes a perfeição das pequenas coisas, que são afinal aquelas que merecem um olhar atento e demorado.

Para concretizarmos esta exposição com o rigor que tem, precisámos de muitos anos de pesquisa – com um amadurecimento de décadas - junto da comunidade das mulheres da Glória, principalmente as mais velhas, que têm sido inexcedíveis. Temos descoberto aos poucos verdadeiras preciosidades, e temos consciência que temos muito mais para descobrir, porque a vida comunitária é complexa com as suas várias manifestações culturais e etnográficas, sedimentadas ao longo de muitas gerações, e não é de um momento para o outro que se pode pensar que já se descobriu tudo. Vale a pena e é obrigatório ter uma atitude prudente e humilde, porque é impossível saber tudo e ser-se dono da verdade que, como se sabe, é sempre muito relativa.

Se tivermos atenção, nos lenços de namorados que aqui temos igualmente expostos deparamos com uma realidade surpreendente, isto é, não há lenços feitos para pessoas ricas, nem feito por pessoas ricas, porque aqui na Glória não houve nem há ricos e pobres. Há pessoas dignas que lutaram e lutam por vidas que valham a pena, e até as casas não ultrapassam uma certa altura, como se houvesse um pacto comunitário para ninguém sobressair do vizinho, como notaram estudiosos que por aqui têm passado. A matriz identitária da Glória não se pode dizer que seja o igualitarismo, mas sim um forte sentimento comunitário em que ninguém sente superioridade em relação ao vizinho, e isso até nos lenços bordados se evidencia”.



Dra. Rita Pote, uma *mulher de boamente* e, por isso, *gloriana*, dinamizadora desta comunidade mas, como nos transmite com humildade, uma de entre tantas mulheres da Glória do Ribatejo, para quem o passado e os valores contam acima de tudo. Na sua pessoa saudamos toda a comunidade gloriana.

Bem-haja! Bem hajam!

ANEXO – TRAJES TRADICIONAIS



Abertura da exposição: Fogaceiras. Características deste modelo (1940, 50)

Este traje era usado pelas fogaceiras no dia da procissão em honra de N^a Sr.^a da Glória. Caracteriza-se por cores muito vistosas, feitiços muito trabalhados e variados e tecidos de seda, crepe e lã. As fogaceiras enfeitavam-se ainda com fitas de seda no corpo e no cabelo, brincos compridos, cordão, pregadeiras e anéis.



Detalhes de um traje (duas fotos à esquerda) e de uma fogaça numa procissão (foto da direita ³)

³ Fonte: <http://cdn.olhares.pt/client/files/foto/big/322/3224662.jpg>. Acedido em: 23-08-2017.



Fogaceiras nas festas em honra de N^a Sra. da Glória ⁴



Traje de Domingo e Segunda-feira

Características deste modelo (1930, 40)

Usado pelas raparigas novas, ao domingo e segunda-feira à tarde, para se passearem em grupo pelas ruas, irem à praça e ao baile. Era levado para o trabalho (de farnel aviado), aonde era substituído, à chegada, pelas roupas de trabalho. Voltava a vestir-se no regresso a casa.

⁴ Fonte:

<https://www.facebook.com/Highdreams.multimedia/photos/a.1652201778359032.1073741827.1652063648372845/1945305469048660/?type=3&theater>. Acedido em: 23-08-2017



Traje de Domingo e Segunda-feira

Características deste modelo (1960 e 70)

Este é o protótipo do traje usado pela última geração jovem. Usou-se intacto até ao 25 de Abril, aproximadamente. Caracteriza-se pela saia curta, mangas mais subidas e pelo casaco de gola, pregas miudinhas e muito trabalhado. Quando mais usado e envelhecido, era "posto à semana".



Traje de Semana

Características deste modelo (1930, 40)

Usado até à década de 1980 pelas gerações mais velhas. Muitas vezes destas peças eram colocadas de forma a serem mais protegidas do desgaste do dia-a-dia (por ex. a saia de cima). a boca tapada com o rabo do lenço tinha como objectivo proteger o rosto do frio, ou os dentes em caso de dor.



Traje de Semana

Características deste modelo (atual - 2017)

Usado nos nossos dias pela última geração de mulheres idosas, este traje mantém a matriz tradicional que consiste no lenço da cabeça (preto), saias rodadas, avental e, ainda, em alguns casos, casaco.

Caracteriza-se por cores sóbrias e as saias ligeiramente abaixo do joelho. A maior parte desta geração veste de luto.



Traje Escuro

Características deste modelo (décadas de 1920, 30, 40)

Usado "à semana" pelas mulheres mais velhas e pelas familiares dos militares a cumprirem serviço no continente (mãe, irmãs, namorada ou mulher).

Deixou de ser usado pelas mulheres jovens, a partir do 25 de Abril. Ainda se verifica, hoje, em algumas idosas, mas com o lenço preto.



Traje Roxo

Características deste modelo (1918)

Este é um traje de sentimento e era usado pelas namoradas ou mulheres, mães e irmãs dos militares que serviam fora do país (por ex. na 1ª guerra mundial). Caracteriza-se por grande sobriedade no feitiço e na cor, que é roxo - nome dado a um padrão branco e preto. O feitiço segue a matriz da época: saias longas, de grande barriga lisa e casaco de punho estreito e manga tufada em cima. Não apresenta quaisquer adornos. O lenço da cabeça é também roxo.



Luto Profundo

Características deste modelo (décadas de 1920, 30 e 40)

Usado até à década de 80 do século XX pelas gerações mais velhas. O uso regular começou a desvanecer-se a partir do 25 de Abril de 1974.

Era envergado por mulher viúva ou por morte de familiares directos. em caso de viuvez ou por morte de um filho, era usado até ao fim da vida. Nos restantes casos, o tempo mínimo era de 2 anos.

ANEXO – LENÇOS DE NAMORADOS

Lenço de namorados - Glória do Ribatejo (Réplica)

Data - Décadas de 40/50 do século XX

(Associação do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Glória do Ribatejo)



**Triste vida tem quem ama,
Mais triste é quem namora,
Mais triste é quem não vê
Seu amor a toda a hora.**

Lenço de namorados - Glória do Ribatejo (Réplica)
Data - Décadas de 40/50 do século XX
(Associação do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Glória do Ribatejo)



**O teu peito é mesa d'oiro
Onde me sinto a escrever.
Tu és meu até à morte,
Eu sou tua até morrer.**

Lenço de namorados - Glória do Ribatejo (Réplica)
Data - Décadas de 40/50 do século XX
(Associação do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Glória do Ribatejo)



**Delicada é a branca
Que nasce nos arrozais,
Delicados são teus olhos
Que namoram por sinais.**